

Reportagem

Hipertermia abre novos caminhos no tratamento do cancro em Portugal

APESAR de estar a ser aplicado em Portugal há menos de um ano, a Hipertermia, um tratamento indolor e não invasivo, já é aplicado noutros países com efeitos comprovados. Esta é mais uma porta que se abre no combate ao cancro com efeitos promissores.

SAÚDE

| Paula Maia |

A Hipertermia promete abrir novos horizontes no tratamento da doença oncológica em Portugal. A terapêutica já está a ser utilizada em diferentes países do mundo e vários são os trabalhos publicados que demonstram a sua eficácia.

Desde 2015 que Portugal possui um equipamento específico para este tratamento (Celsius TCS), localizado na CUF do Porto, tendo já efectuado várias sessões com efeitos comprovados, facto que está a suscitar o interesse da comunidade médica, especialmente dos oncologistas e radioncologistas a nível nacional, depois de o mesmo ter acontecido a nível internacional.

Mas, afinal o que é a Hipertermia? É um meio inovador e eficaz no combate ao cancro ao conseguir destruir células cancerígenas de uma forma não invasiva e sem necessidade de internamento. Caracteriza-se pelo aumento induzido da temperatura do corpo acima do nível fisiológico (39°C a 45°C), podendo ser efectuado de forma local (superficial ou profunda), ou de uma forma generalizada a todo o corpo.

O equipamento que está na CUF actua por meio de radiofre-



O único equipamento existentes em Portugal está instalado na CUF. Mas, o objectivo é obter mais equipamentos para os colocar ao serviço dos doentes

quência através de um gerador de 600W e 13,56 MHz dirigindo o feixe de energia para a área tumoral a tratar.

Pela sua forma de actuar, distingue-se das restantes terapêuticas por ser indolor e não invasivo, aplicado por via externa recorrendo a duas antenas (eléctrodos) ajustáveis e com modulação de frequência segundo os diferentes protocolos terapêuticos. O tratamento é feito localmente, no tecido ou área de infiltração tumoral, numa dose térmica óptima, não excedendo a tolerância térmica específica dos órgãos circundantes, permitindo preservar os tecidos saudáveis peri-lesionais.

A Hipertermia pode ser utilizada de forma isolada ou combinada com as terapias tradicionais (como a quimioterapia, radioterapia e cirurgia).

Paulo Costa, responsável do serviço de Radioterapia do Hospital de Braga, e o primeiro médico a nível nacional a efectuar o tratamento de Radio-Hipertermia concomitante, explica como esta nova terapêutica se conjuga com outros tratamentos,

Os casos concretos

O testemunho

“Evidências são quase esmagadoras”

Há muito que o radioncologista Paulo Costa tinha conhecimento dos resultados obtidos pela Hipertermia em outros países, nomeadamente nos Estados Unidos, através da literatura publicada sobre a aplicação desta técnica. Mas, os resultados obtidos com a aplicação da terapêutica em doentes na CUF do Porto tornou mais evidente, e visível, os benefícios da técnica no combate à doença oncológica. “Quando somos nós a ver, a testemunhar a eficácia terapêutica, há um impacto diferente. Diria que uma imagem vale por mil palavras”, comenta o reconhecido médico do Hospital de Braga que acompanhou os primeiros doentes tratados por esta solução técnica. “Estes primeiros doentes ficaram na ‘retina’ pela grande eficácia terapêutica e pela baixa toxicidade associada ao tratamento. Eu diria que foi o comprovar de tudo aquilo que está definido, que já existe como evidência e que, na prática, não desvirtuou em nada aquilo que seriam os resultados com esta modalidade”, prossegue o radioncologista.

Paulo Costa lembra o caso de uma doente com uma recidiva de uma neoplasia da mama, uma doente jovem, que tinha feito há muito pouco tempo a sua radioterapia e que não poderia repetir o tratamento. As opções terapêuticas para esta doente começavam a escassear. “Uma das vantagens desta terapêutica é que com uma pequena fracção da dose da radioterapia conseguimos potenciar o tratamento como se tivesse efectuado um novo curso de tratamento completo. E, de facto, foi isso que aconteceu. A doente tinha uma recorrência extensa, já com poucas soluções de tratamento. Foi muito grato para a nossa equipa constatar que no final do tratamento já praticamente não havia doença visível. E, três meses depois, a doente está sem nenhuma evidência da doença que tinha”.

potenciando-os. “O calor administrado num certo intervalo, de uma forma metódica, localizada, em contexto de uma doença oncológica, vai potenciar os efeitos da radioterapia, quando utilizada em associação a esta terapêutica. A mesma situação ocorre em relação à quimioterapia, potenciando os fármacos utilizados. É dessa potenciação que vem o acréscimo de rácio-terapêutico que é atribuído à Hipertermia”, diz o radioncologista.

Paulo Costa afirma que este tratamento se direcciona a doentes oncológicos cuja equipa médica (reunião de grupo) entende que o doente pode beneficiar com esta terapêutica.

Na opinião de Paulo Costa, devemos ver a Hipertermia não como uma terapêutica concorrente, mas como mais uma terapêutica que pode abrir novas portas a doentes que, provavelmente, já teriam muito poucas soluções ou até nenhuma.

“Esta não é uma terapêutica concorrente com nenhuma outra modalidade. É sinérgica com essas modalidades, intrinsecamente uma mais-valia”.

Paulo Costa diz que compete aos clínicos sensibilizar os decisores para as evidências

O RESPONSÁVEL pelo serviço de Radioterapia do Hospital de Braga, que integra também o primeiro Núcleo de Hipertermia em Portugal, diz que só se poderá falar em 'revolução' quando tivermos equipamentos suficientes para dar respostas aos doentes.

SAÚDE

[Paula Maia]

Os resultados clínicos obtidos até à data com recurso à Hipertermia fazem com que deva ser incorporada no arsenal terapêutico já existente e passar a ser considerada como modalidade de tratamento oncológico. No entanto, o médico radioncologista Paulo Costa - um dos primeiros médicos a nível nacional a recorrer a esta modalidade terapêutica - prefere dizer que este tratamento só constituirá uma verdadeira revolução "quando tivermos tecnologia suficiente para que estas soluções cheguem aos doentes", ou seja, quando o país, através das suas várias unidades hospitalares, conseguir adquirir estes equipamentos e colocá-los aos dispor dos doentes que deles possam beneficiar.

Para já o único equipamento existente em Portugal está disponível na CUF do Porto, na qual nasceu o primeiro Núcleo de Hipertermia, liderada pelo oncologista médico Moreira Pinto e à qual o Radioncologista

Paulo Costa também pertence.

"Isto não é nada de novo. Só é novo porque ainda não chegou a Portugal, o que não significa que já não exista há muito tempo", frisa o médico.

Paulo Costa apela, por isso, "à sensibilidade dos decisores" para darmos este salto quantitativo e qualitativo, fornecendo aos doentes uma "oportunidade da adequação destas terapêuticas". Questionado enquanto médico responsável pelo Serviço de Radioterapia

do Hospital de Braga, se já abordou este assunto com administração da unidade bracarense, Paulo Costa diz que ainda não teve essa oportunidade "até porque o meu contacto com a solução ainda é recente".

Mas, não exclui que "possa ser adequado, num contexto de diálogo com todos os interlocutores da área oncológica".

●●●

Paulo Costa não tem dúvida que compete aos responsáveis clínicos promover a sensibilização dos decisores para as evidências que estão a ser conseguidas com esta terapêutica, seja nas próprias instituições onde colaboram, seja mesmo junto dos decisores políticos responsáveis.

ca, encontrarmos uma plataforma de entendimento e eventual proposta da implementação de uma solução técnica desse género no Hospital de Braga".

Paulo Costa, não tem dúvida que compete aos responsáveis clínicos promover a sensibilização dos decisores para as evidências que estão a ser conseguidas com esta terapêutica, seja nas próprias instituições onde colaboram, seja mesmo junto dos decisores políticos responsáveis.

"Nós que já temos a solução implementada no terreno temos por obrigação mostrar aquilo que fazemos, mostrar os nossos bons resultados e tornar incómoda a posição daqueles que ainda não têm a solução. Eu diria que esse é o primeiro passo. A partir daí, cabe a cada uma das estruturas locais decidir da oportunidade ou não da instalação de uma solução deste género. Como 'pontas de lança' temos essa obrigação e não a vamos enjeitar", garante o médico, adiantando que no próximo ano vão surgir muitos trabalhos na área da Hipertermia.

Perfil

Simão Oliveira é o mentor do projecto em Portugal

Simão Oliveira (à esquerda) é o mentor da Hipertermia em Portugal. Conhecedor dos resultados e práticas amplamente realizadas em vários países da Europa (Holanda, Alemanha, Polónia) e outros (Estados Unidos, China, Canadá), foi pelo seu intermédio que o único sistema TCS Hipertermia - a funcionar na CUF do Porto - chegou ao nosso país. Assume também o papel de facilitador ao permitir o intercâmbio de conhecimentos e resultados entre responsáveis clínicos que trabalham com a Hipertermia a nível mundial. Deste modo, os resultados obtidos em Portugal foram já divulgados junto da comunidade médica internacional. É o garante também pela equipa de manutenção desta solução tecnológica que se tem mostrado, até à data, altamente fiável.

Perfil

Paulo Costa: especialista em Radioterapia

Licenciado em Medicina pelo Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar, no Porto, tendo-se especializado em Radioterapia pelo Instituto Português de Oncologia de Francisco Gentil - Centro do Porto, Paulo Costa é o responsável pelo serviço de Radioterapia do Hospital de Braga. É também coordenador do departamento de Radioterapia Dr. Júlio Teixeira, na CUF do Porto. É o primeiro médico português a efectuar tratamento de Radio-Hipertermia concomitante (CUF Porto).

Do seu vasto currículo, destaque também para as várias publicações em revistas de Oncologia, tendo sido já premiado por vários artigos científicos de casos clínicos publicados na Revista Portuguesa de Otorrinolaringologia.



Simão Oliveira (esquerda) e Paulo Costa, dois rostos da Hipertermia em Portugal